

Revista do **Ensino Médio**

ANO 1 - Nº 1 - JUNHO/JULHO 2003



SOMOS O QUE
SOMOS NÃO O QUE DIZEM !!

7

Ensino Noturno

Experiências que mudaram a realidade

9

Fala sério!

Gravidez na hora certa

Entrevista

Antonio Ibañez, secretário da SEMTEC

12

Biblioteca

Coleção para professores

16

Há muito que o ensino médio pede uma revista que possa dar voz às suas expectativas e realizações. Tem se falado muito em ensino médio: na importância do seu crescimento na última década, nas exigências de um ensino básico de qualidade do qual o ensino médio é a etapa final e nos grandes desafios de seus temas.

Aqui está a **Revista do Ensino Médio** para que a comunidade escolar e as entidades educacionais do país possam ter um espaço de diálogo e divulgação de todas essas inquietações. Esperamos que vocês acolham, colaborem e recebam como uma realização de todos e para todos.

Contamos com os alunos, professores, diretores e funcionários para divulgar a revista e fazê-la circular nas bibliotecas, nas salas de professores e murais dos pátios das escolas para que ela chegue à comunidade escolar. Assim como remédio não faz efeito dentro do vidro, a revista não cumprirá o seu papel, por melhor que ela seja, se não houver o compromisso dos vários protagonistas dessa cena. Para isso, criamos um espaço, para, a partir do próximo número, você leitor, expor suas sugestões.

A revista se propõe a ser uma rede de apoio às escolas e base de interlocução entre elas e as várias instituições que trabalham com o ensino médio, divulgando experiências bem sucedidas e relatos que tenham relevância para a prática docente.

O primeiro número aborda o ensino noturno que, como declarou em entrevista o Secretário da Secretaria de Educação Média e Tecnológica, Antônio Ibañez Ruiz é um dos temas mais importantes do ensino médio. As sessões da revista tocam no assunto, analisando-o nos seus diversos aspectos. Na coluna **Leitura Principal**, o professor Júlio Gregório, com experiência de 30 anos no ensino noturno, enumera as características dessa modalidade de ensino e propõe mudanças.

O **Acontece nas Escolas** mostra uma experiência bem sucedida no ensino noturno da Escola Prof. Antônio Basílio Filho, em Parnamirim, Rio Grande do Norte. Há ainda o perfil de educadores brasileiros que resgata a memória da educação no Brasil. O **Intervalo** nos relata uma experiência de lazer no turno noturno do Centro de Ensino Médio 404 de Santa Maria, DF. Em **Saberes**, a diretora da SEMTEC Marise Nogueira Ramos analisa a interdisciplinaridade. Além disso, há sessões como **Qualidade de vida**, **Entrevista**, a gestão em **Sala de Aula**, o **+ Notícias**, **Biblioteca**, **Fala Sério**, tratando das conversas delicadas que os jovens precisam enfrentar no cotidiano da escola e **Laboratório**, que traz artigo do professor Ildeu Moreira onde ele dá orientação sobre a utilização de um encarte preparado pela Folha de S.Paulo para a comemoração dos 50 anos da identificação da estrutura de dupla hélice do DNA.

Boa leitura!

Ensino Médio

Revista do Ensino Médio - Secretaria de Educação Média e Tecnológica -
Ministério da Educação - Bloco L, Edifício Sede - 4º andar, sala 421,
Fone: (61) 410-8018 Brasília - DF 70047 900
ensinomedio@mec.gov.br

Editoras:
Celme Mathias Fernandes
Maria Lúcia Sigmaringa

Jornalista responsável: **Mária Lúcia Sigmaringa** - DRT 8216/86-DF
Projeto Gráfico e Ilustrações: **André Cerino** - (61) 344-0330

Conselho Editorial:
Antonio Ibañez Ruiz – Secretário da Secretaria de Educação Média e Tecnológica.
Roberto Seabra – Jornalista, Mestre em Mídia e Juventude pela UnB
Marise Nogueira Ramos – Diretora do Ensino Médio da SEMTEC
Rose Pavan – Coordenadora-Geral de Educação Profissional da SEMTEC
Cristina Velloso – Assessora de Imprensa da SEED
Christina Villela Mendes – Assessora de Comunicação Social da SEF
Luis Carlos Ribeiro – Professor da UFPR
Vera Franco de Carvalho – Consultora

Ministro da Educação:
Cristovam Buarque

Tiragem:
420 000 exemplares



Novos rumos para o ensino noturno



Não é segredo para ninguém que os cursos de ensino noturno apresentam índices baixíssimos de produtividade: a evasão, somada às reprovações e retenções por dependência de alunos do curso noturno, faz com que apenas 30% dos alunos matriculados nesse período de aulas em escolas de todo o País consigam chegar ao fim do Ensino Médio. No entanto, há experiências no Brasil todo que comprovaram que, fazendo-se as adequações necessárias, o ensino noturno pode dar bons frutos.

Foi que aconteceu, por exemplo, em algumas escolas do DF, quando o hoje ministro da Educação, Cristovam Buarque, estava à frente do governo – período em que foi criada uma comissão para a reformulação do ensino noturno no DF.

“O ponto inicial de solução dos problemas dos cursos noturnos é a coragem de se discutir a reestruturação do ensino noturno, desvinculando-o das idéias que nós temos de concepções e propostas curriculares clássicas, oferecidas para o ensino diurno”, definiu Júlio Gregório Filho, diretor de Planejamento da Secretaria de Educação do DF, na gestão de Cristovam.

Não há uma receita pronta. O ideal é que as escolas que oferecem ensino noturno estejam abertas à discussão com seu corpo docente, no sentido de desenvolver uma proposta adequada para cada uma delas. Quem trabalha com ensino noturno sabe que o seu aluno possui características adversas do estudante do curso diurno e que, portanto, os conhecimentos devem ser apresentados e construídos de forma diferente.

O aluno do curso noturno é, em geral, uma pessoa com mais idade, que parou de estudar há algum tempo, trabalha o dia todo, chega cansada à escola, às vezes sem se alimentar, e está longe de casa, já que, na maioria das vezes estuda perto do trabalho para não chegar atrasada à aula.

Muitos alunos chegam ao ensino médio sem uma boa base de português e de matemática, o que os torna inaptos para ler um texto e raciocinar logicamente em cima dele. Se a escola perceber essa dificuldade e investir, um semestre por exemplo, para resgatar ou até mesmo construir esses conhecimentos básicos, mais chances terá de manter esse aluno na escola.

Nos moldes do que é exigido hoje, o aluno tem também de se matricular no bloco fechado de disciplinas, que variam de nove a doze por ano. Caso no meio do ano perceba que não conseguirá passar em uma matéria, ele já sabe que vai repetir a série e acaba se desmotivando e abandonando o curso.

Mesmo aquelas escolas que permitem que os alunos

reprovados em até três disciplinas usufruam de uma progressão parcial como estas disciplinas em esquema

de dependência oferecem uma oportunidade irreal, na opinião de Gregório, já que o aluno dificilmente conseguirá ser aprovado em um número ainda maior de disciplinas.

Diante desse quadro, as Secretarias de Educação passaram a adotar políticas de promoção independente do conhecimento adquirido pelo aluno. Essas políticas mascararam a realidade e aprofundam os problemas que caracterizam o ensino noturno.

Para modificar essa realidade, o professor propõe que o aluno possa escolher o número de disciplinas que pode cursar a cada semestre, trabalhando em seu próprio tempo e com a possibilidade de recuperar o prejuízo a cada novo semestre, em vez de esperar por um novo ano, esses alunos provavelmente não desistirão, ao perceber que, apesar de estar em um ritmo mais lento, estão agregando conhecimentos, habilidades indispensáveis ao seu crescimento profissional, mesmo sem o caráter profissionalizante.

A fórmula que foi experimentada nas escolas do DF prevê que os alunos cumpram todos os componentes da base nacional comum, até para assegurar a mesma qualidade do ensino diurno, com tempo diferente e um tratamento adequado. “Não queremos facilitar para que o aluno do curso noturno obtenha o certificado de conclusão do ensino médio; queremos é justamente possibilitar que ele o faça apreendendo o conhecimento que se supõe ter o portador de tal documento”, enfatizou o professor.

A proposta contempla até a possibilidade da existência de mais de um caminho para que o aluno conclua o ensino médio de acordo com as suas possibilidades. Não se trata de “vender” uma escola de menor qualidade, mas sim de oferecer um ensino mais adequado à realidade do aluno.

De qualquer forma, assegurar a capacidade de leitura e entendimento de textos em língua portuguesa e o domínio de elementos básicos de matemática, ciências da natureza e ciências sociais deve ser prioridade em qualquer proposta. As atuais, apesar de todas as tentativas, não têm permitido ao aluno atingir esses objetivos básicos.

■ Júlio Gregório Filho é professor do Ensino Médio noturno há 28 anos. Atualmente, é diretor da escola particular INEI/COC e professor de química do Centro de Ensino Elefante Branco, no turno noturno, em Brasília. Contato:juliogregorio@inei.com.br

Educação e Poder

■ Ronaldo do Espírito Santo Rodrigues

Já se falou que uma boa pergunta traz grandes idéias. Talvez melhor ter boas perguntas do que ter muitas respostas. O que é poder? O que se faz quando alguém ou algum grupo tem poder? Você já se fez essa pergunta?

A educação, assim como todas as outras coisas produzidas pelo ser humano, carrega um forte conteúdo de poder. Considerando que passamos toda a nossa vida em um processo educacional, talvez seja importante analisar um pouco essa questão.

O nosso país está inserido em um grande esquema de poder, seja econômico, seja político. Como desfazer essas amarras e conseguirmos um espaço justo e honesto para o nosso povo? Seja lá qual for a sua resposta, necessariamente teremos que conquistar o espaço que desejamos. Caso contrário, estamos fadados, no mínimo, a ficar como estamos. Vamos levar essa questão para a sala de aula e efetuar uma comparação, guardadas as devidas diferenças.

Por um lado, há um esquema de poder no que diz respeito à relação professor-aluno. Se cada um dos lados não conquistar seu espaço, com certeza não haverá futuro para uma relação justa e honesta. Se os alunos não se dispuserem a realmente compreender algo, reconstruindo o conhecimento, e se os professores não estiverem abertos e preparados para isso, continuaremos, em muitos casos, a ter uma escola chata, repetitiva, monótona e que não responde aos anseios de mais ninguém. Também cabe à comunidade envolvida na educação uma maior cobrança das autoridades e, como conseqüência, uma maior participação no processo.

As escolas, de uma forma geral, têm de mostrar que o conhecimento não está isolado do contexto que o produziu. Ou seja, o aluno não pode mais ter a impressão que o conhecimento surgiu do nada, a partir de algum iluminado. Revelar o poder envolvido na produção científica e tecnológica deve ser uma tarefa inadiável de cada professor.

A história ainda não produziu um manual de como se conquista poder. Aliás, aqueles que tentaram, por um motivo ou outro, não responderam a todas as questões. Talvez o mais importante agora seja construir um novo espaço, perguntando e perguntando. A cada pergunta, a questão vai ficando cada vez mais elaborada. Por sua vez, a cada nova elaboração, muitas outras novas perguntas surgem.

E você aí, que está lendo isto, já olhou a sua volta e se perguntou sobre as relações de poder que existem ao seu redor?

■ Ildeu Moreira

Uma boa maneira de celebrar um evento importante na escola é realizar atividades interessantes com os alunos em torno do tema. Neste ano estão sendo comemorados no mundo inteiro os 50 anos da identificação da estrutura de dupla hélice do DNA, feita por James Watson e Francis Crick em 1953. Tal acontecimento teve um impacto grande sobre a ciência e trouxe conseqüências tecnológicas, econômicas e sociais tão profundas que afetou o cotidiano de todos nós.

A partir dos anos 60, com o código genético decifrado, a biologia molecular entrou em uma fase de expansão acelerada que culminaria com o sequenciamento do genoma humano em 2002. As aplicações práticas ganharam repercussão econômica e social com os organismos geneticamente modificados, a terapia genética, a clonagem e os testes genéticos. Com eles vieram à luz sérias implicações sócio-ambientais, éticas e culturais com as quais todos nos defrontamos hoje. A figura da dupla hélice se tornou um verdadeiro ícone dos tempos modernos.

Neste número anexamos um cartaz que apresenta, de forma bastante simplificada, um pouco da história da elucidação da estrutura do DNA. Ele traz também um representação esquemática sobre os processos que levam à replicação do DNA e à síntese das proteínas. O cartaz pode se tornar um interessante instrumento para motivar discussões e experiências em sala de aula sobre conteúdos da genética e da biologia modernas e sobre suas implicações na vida de cada um e no meio social.

Um aspecto interessante a ser explorado na escola é a realização de atividades interdisciplinares em torno do DNA. O professor de biologia, aliado ao de física e de química, pode discutir



50 anos de DNA

crescimento na natureza; no século XIX, foram importantes as representações geométricas planas das moléculas, introduzidas pelos químicos, como na forma cíclica do benzeno imaginada por Kekulé. A imagem que marca o século XX é a da dupla hélice. Ela habita o mundo contemporâneo com seu profundo significado para a ciência, mas também transborda para a literatura, o comércio, os filmes, a ficção e as artes. O professor de arte pode encontrar muitas obras artísticas modernas que têm o DNA como mote. Exemplos disso são um quadro de Salvador Dali, de 1957, e a escultura Portrait of a DNA Sequence de Roger Berry, de 1998.

Os professores interessados, junto com os alunos, não terão dificuldade em encontrar em livros didáticos, revistas ou jornais, na TV ou em filmes e documentários, e principalmente na Internet, uma enorme gama de matérias e ilustrações sobre o DNA. Muitos experimentos interessantes poderão também ser feitos na escola, que vão desde montagens da dupla hélice com materiais simples até a extração de DNA de células animais ou vegetais [veja, por exemplo, em <http://www.odnaviaiescola.com>].

A discussão de um tema científico como o DNA e seu significado na ciência moderna, além de estimular um entendimento mais aprofundado do conteúdo científico a ser aprendido, possibilita ainda discussões sobre aspectos mais gerais da ciência e da tecnologia, de seus benefícios e dos riscos e escolhas envolvidos. Por contribuírem para a formação para a cidadania, esses são temas que devem também ser discutidos na escola, sob pena de ser apresentada a visão de uma ciência neutra e desligada da vida cotidiana e do contexto social.

Os caminhos para a dupla hélice

Muitos foram os caminhos e linhas de pesquisa que conduziram à dupla hélice. A mais tradicional delas foi a genética clássica, que se iniciou, em 1865, com os trabalhos de Mendel sobre a hereditariedade. No período de 1900 a 1930, estabeleceu-se a chamada teoria cromossômica da hereditariedade e firmaram-se os conceitos de gene e de mapeamento genético. Entre os anos 1930 e 1950, predominou a idéia de que o material genético era constituído por proteínas, em função de sua complexidade molecular. O DNA, identificado nos cromossomos, foi estudado em sua composição e estrutura química, mas era julgado muito simples para ser o portador da informação genética. Nos anos 1940, surgiram trabalhos que exploraram as ligações entre física, genética e a teoria da informação, alguns deles motivados pelos estudos dos códigos secretos durante a II Guerra.

Outra contribuição importante, neste período, veio de vários experimentos sobre as transformações em bactérias. Eles possibilitariam uma mudança de paradigma: a molécula que contém as informações genéticas passa a ser o DNA. Nesse período, escorada em novas técnicas para o estudo da matéria e nos conhecimentos emanados da física quântica, iniciou-se a busca das estruturas moleculares tridimensionais, na qual se destacou Linus Pauling. No início dos anos 1950, com o aprimoramento dos experimentos de difração de raios X, com Rosalind Franklin e Maurice Wilkins, sedimentou-se a base para o trabalho de Watson e Crick. Eles se beneficiaram de diversas correntes de pensamento e tradições experimentais anteriores para construir seu bem sucedido modelo da dupla hélice, em 1953.

■ Ildeu Moreira é professor do do departamento de física da URFJ - Contato: icmoreira@uol.com.br

Anísio Teixeira:

o democrata da educação

Socializar a educação - um sonho ainda tão atual nos dias de hoje - foi o objetivo perseguido por Anísio Teixeira durante toda a sua vida. Considerado o grande democrata da educação brasileira, ele chegou a pensar em ingressar na vida religiosa, mas, após formar-se em Direito, acabou por mudar seu rumo e dedicar-se integralmente à melhoria do sistema de ensino público brasileiro. O baiano da cidade de Caetité, nascido a doze de julho de 1900, revolucionou o sistema de ensino do país, das escolas primárias à pós-graduação.

Como educador, Anísio teve papel decisivo na obrigatoriedade do ensino, na formação de professores, na criação de instituições como a Universidade de Brasília e no fortalecimento dos trabalhos de pesquisa, como a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP), os quais presidiu nas décadas de 50 e 60. Participou também criticamente da elaboração da Lei de Diretrizes e Bases de 1961, que definiu os rumos da educação no Brasil.

Anísio Spínola Teixeira começou sua vida pública bem cedo, aos 25 anos, ao ser convidado pelo então governador de seu estado natal, Francisco Marques de Góes Calmon, para assumir o cargo de inspetor geral do ensino na Bahia - o equivalente ao atual secretário de educação. A intuição de Góes Calmon para o "dom educacional" inato do jovem bacharel em Direito não demorou a mostrar que tinha feito a escolha certa: Teixeira desenvolveu ali o importante projeto de reforma educacional baiana, que serviu como uma das forças impulsionadoras do movimento de renovação educacional ocorrido no País logo em seguida.

Não se pode esquecer que foi Anísio Teixeira quem introduziu no país o conceito de escola gratuita e para todos. Em 1930, o educador publicou o artigo "Por que Escola Nova?", que lançou as bases do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, assinado dois anos depois por intelectuais brasileiros como Cecília Meireles e Roquete Pinto. Os princípios lançados no manifesto - de um sistema educacional público, gratuito, obrigatório e leigo - seriam inseridos na Constituição.

No entanto, foi como secretário-geral de Educação e Cultura do Distrito Federal - cargo que assumiu em 1934 - que Anísio Teixeira efetivamente iniciou a implantação de um conjunto de medidas organizacionais no sentido de dar uma estrutura ao ensino nos vários níveis, desde a escola primária aos estudos superiores.

É importante frisar o alcance da visão desse homem que há mais de 60 anos propunha a implantação da escola integral. Esse tipo de ensino valorizava e estimulava, entre outras coisas, como acontece hoje, o desenvolvimento das capacidades cognitivas das crianças, a importância de se manejar a língua portuguesa como instrumento de pensamento e expres-

são e o desenvolvimento físico do indivíduo e a inserção regional e social do indivíduo, readaptando o ensino às particularidades da região e do ambiente no qual está inserido.

Discípulo de um dos maiores educadores americanos, John Dewey, com o qual estudou nos Estados Unidos, Anísio Teixeira chegou a ser acusado de tentar "americanizar" o ensino brasileiro, mas provavelmente isso aconteceu porque suas idéias progressistas se chocavam com o pensamento conservador das escolas particulares, muitas delas católicas, que contavam com a subvenção do governo. O que acontecia é que nessa época se tentava um trabalho pioneiro de nacionalização do processo educativo, sem, contudo, se descuidar dos avanços científicos e tecnológicos ocorridos em outras partes do mundo.

No que diz respeito ao ensino médio, é necessário chamar a atenção para a colaboração de Anísio no sentido de promover a articulação entre o ensino técnico-profissional secundário e o ensino secundário acadêmico, garantindo a equivalência de estudos. Para a mentalidade vigente na época, isso funcionou como uma verdadeira revolução educacional, pois a dualidade de ensino - técnico profissional para

as camadas populares e acadêmico para as elites - ameaçava ser diminuída.

Anísio Teixeira, considerado por Monteiro Lobato como uma das inteligências mais brilhantes e um dos maiores corações encontrados em sua vida, foi o primeiro a projetar positivamente o nome do Brasil no exterior, no campo da educação. Seu trabalho recebeu reconhecimento internacional de países

como Estados Unidos, França e Inglaterra, chegando a exercer o cargo, em 1946, de Conselheiro de Ensino Superior da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco).

Sua vasta obra é básica e fundamental para os estudos de educação ainda nos dias de hoje, pois a literatura educacional produzida por ele se apresenta como um acervo de documentos valiosos que analisa e reflete todo um período da evolução da educação brasileira. Não é à toa que a Enciclopédia Delta Universal, que trata o baiano como "educador brasileiro cujas idéias inspiraram ou influenciaram todos os setores da educação no Brasil e mesmo o sistema educacional da América Latina", garante que a obra escrita por ele é o material mais significativo sobre educação existente em língua portuguesa.

É uma pena que Anísio não tenha conseguido seu maior reconhecimento de nós brasileiros: morreu em um acidente aos 70 anos, pouco antes da eleição que o levaria a ocupar uma das vagas da Academia Brasileira de Letras. Segundo Josué Montello, a escolha já estava feita. A eleição apenas ratificaria a decisão de colocar Anísio Spínola Teixeira entre as cabeças mais brilhantes da intelectualidade brasileira.



Anísio Teixeira foi homenageado em cédula no tempo em que a moeda era o cruzeiro real

A paixão da professora Nádia Maria Silveira Costa de Melo pela arte e pela literatura contagiou seus alunos. No ano passado, os alunos do 3º ano noturno da Escola Estadual Antônio Basílio Filho, em Parnamirim, a 10 km de Natal (RN), produziram um livro de poesias escrito e ilustrado por eles mesmos. Outros alunos de, Nádia também editaram um jornalzinho e organizaram uma exposição de suas pinturas e desenhos. Essa foi a forma que a professora de língua portuguesa e de artes da escola encontrou para despertar o interesse dos alunos do curso noturno que costumam chegar cansados na sala de aula após um quase sempre desgastante dia de trabalho.

Ao descobrir alguns alunos do 3º A interessados em poesia, Nádia Costa teve a idéia de confeccionar o livro, ao mesmo tempo em que trabalhava os conteúdos programáticos daquela série. Ela começou por ensinar aos alunos como se faz uma pesquisa e, ao perceber que muitos deles confundiam as palavras biografia e bibliografia, aproveitou para explorar o conteúdo semântico, trabalhando conceitos como polissemia, sinônimos, antônimos, homônimos e parônimos. Os alunos foram incentivados ain-

Primavera

(Marcílio Cirino de Silva)

Não sabias que a vida é bela
Como a primavera.

Bela primavera que um dia
Me fará conquistar o coração
Da mulher amada.

Nesse dia de ventura
Não terei medo da solidão.

Poesias em Construção

da a pesquisar sobre vida e a obra de escritores brasileiros como Machado de Assis, Guimarães Rosa, Graciliano Ramos, Lima Barreto e Carlos Drummond de Andrade e a escreverem suas próprias biografias, que fizeram parte, inclusive, do texto do livro.

A idéia da capa surgiu durante uma aula de literatura, quando pesquisavam sobre a Semana de Arte Moderna. O quadro de Tarsila do Amaral, "Os Operários" – profissão de muitos dos alunos - chamou sua atenção. Ao estudarem o contexto em que a tela foi produzida, surgiu a idéia de fazer uma montagem com as próprias fotografias deles, substituindo as indús-

trias do quadro de Tarsila pelo que os alunos consideraram os ícones atuais da modernidade – o computador, o fax, o telefone celular e o vídeo-cassete, entre outros. O trabalho ganhou tal proporção que 90% dos alunos acabaram participando do projeto.

"Muitos professores costumam dizer que nas suas classes não têm alunos talentosos assim, mas eles se esquecem que são os próprios educadores que têm que polir a pedra", comentou Nádia, que agora colhe os resultados de seu trabalho: a melhora da auto-estima de seus alunos e o aumento do prestígio da escola que passou a ser vista com outros olhos pela comunidade.

Uma das alunas da escola, Maria de Fátima Oliveira da Silva, conquistou o primeiro lugar em um concurso nacional promovido pelo Banco do Brasil. "É verdade que os alunos do curso noturno estão mais cansados, mas, ao contrário dos seus colegas do diurno, valorizam mais o estudo como instrumento para modificação de suas vidas e, por isso, um pequeno estímulo basta para partirem em busca de objetivos definidos", analisou Nádia Costa.

Interdisciplinaridade: desafios de ensino e aprendizagem

■ Marise Nogueira Ramos

O Ensino Médio deve ser planejado em consonância com as características sociais, culturais e cognitivas do sujeito humano referencial desta última etapa da Educação Básica: adolescentes, jovens e adultos. Cada um desses tempos de vida tem a sua singularidade, como síntese do desenvolvimento biológico e da experiência social condicionada historicamente. Por outro lado, se a construção do conhecimento científico, tecnológico e cultural é também um processo sócio-histórico, o ensino médio pode configurar-se como um momento em que necessidades, interesses, curiosidades e saberes diversos confrontam-se com os saberes sistematizados, produzindo aprendizagens socialmente e subjetivamente significativas. Em um processo educativo centrado no sujeito, o ensino médio deve abranger, portanto, todas as dimensões da vida, possibilitando o desenvolvimento pleno das potencialidades do educando.

No atual estágio de construção do conhecimento pela humanidade, a dicotomia entre conhecimento geral e específico, entre ciência e técnica, ou mesmo a visão de tecnologia como mera aplicação da ciência deve ser superada, de tal forma que a escola incorpore a cultura técnica e a cultura geral na formação plena dos sujeitos e na produção contínua de conhecimentos.

As relações nas unidades escolares, por sua vez, expressam a contradição entre o que a sociedade conserva e revolucionária. Essas relações não podem ser ignoradas, mas devem ser permanentemente recriadas, a partir de novas relações e de novas construções coletivas, no âmbito do movimento sócio-econômico e político da sociedade.

Com este referencial, propomos discutir as possibilidades de se repensar o Ensino Médio na perspectiva interdisciplinar. Consideramos importante que cada escola faça um retrato de si mesma, dos sujeitos que a fazem viva e do meio social em que se insere, no sentido de compreender sua própria cultura, identificando dimensões da realidade motivadoras de uma proposta curricular coerente com os interesses e as necessidades de seus alunos. Afinal, a escola faz parte do conjunto social em que está inserida e deve se comprometer, também, com seus projetos. Sem nunca esgotar em si mesma, a dimensão local pode ser uma dimensão importante do planejamento educacional, integrado a um projeto social comprometido com a melhoria da qualidade de vida de toda a população.

O projeto curricular interdisciplinar

Assentados sobre as bases ética e política do projeto escolar e sobre o princípio da interdisciplinaridade, acreditamos que o currículo, como dimensão cultural, epistemológica e metodológica desse projeto, pode mobilizar intensamente os alunos, assim como os diversos recursos didáti-

cos disponíveis e/ou construídos coletivamente. Pressupomos, com isso, a possibilidade de se dinamizar o processo de ensino-aprendizagem numa perspectiva dialética, em que o conhecimento é compreendido e apreendido como construções histórico-sociais.

Tomando os objetivos das áreas de conhecimento organizadoras da educação básica, vemos que os estudos na área de códigos e linguagens visam à compreensão do significado das letras e das artes; dar destaque à língua portuguesa como instrumento de comunicação; acesso ao conhecimento e exercício da cidadania. O eixo curricular dessa área pode ter como referência a construção do sujeito nas relações inter-subjetivas e coletivas mediadas pelas linguagens.

Os estudos das ciências da natureza e da matemática devem destacar a educação tecnológica básica e a compreensão do significado da ciência. Um eixo de organização dos conteúdos pode ser a complexidade e o equilíbrio dinâmico da vida no processo de desenvolvimento dos indivíduos e da sociedade.

A área de ciências humanas e sociais assenta-se sobre a compreensão do processo histórico de transformação da sociedade e da cultura, podendo-se organizar em torno do eixo da cidadania e dos processos de socialização, na perspectiva sócio-histórica.

Algumas abordagens metodológicas podem conferir ao currículo uma perspectiva de totalidade, respeitando-se as especificidades epistemológicas das áreas de conhecimento e das disciplinas. Propomos a organização dos planos de estudo de forma interdisciplinar, sugerindo que o processo pedagógico tenha como base: o trabalho sistematizado com leituras de publicações diversas; a produção própria e coletiva dos textos; a utilização intensa da Biblioteca; o uso de diversos recursos pedagógicos disponíveis na escola; a exploração de recursos externos à escola (os Cinemas, os Teatros, os Museus, as Exposições etc); a investigação de problemas de ordem sócio-econômica, do ponto de vista histórico, geográfico, sociológico, filosófico e político; a realização de atividades práticas (laboratórios e visitas de campo); o uso de acervos e patrimônios histórico-culturais da região.

Assim, a possibilidade de se abordar pedagogicamente as atividades cotidianas está em considerá-las referências que auxiliem os professores entre si e em sua interação com os alunos, em seus diálogos interdisciplinares, para a definição de objetivos e projetos comuns e articulados, no processo ensino-aprendizagem.

■ Marise Nogueira Ramos
Diretora de Ensino Médio da Secretaria de
Educação Média e Tecnológica.

Gravidez na hora certa

Cansados de ver alunas da comunidade com idade para ainda estar brincando de bonecas se prepararam para se tornar mães, um grupo de professores do Centro Educacional número 2 do Cruzeiro, no DF, resolveu trabalhar para mudar essa realidade. O projeto Bebê Ciê, que recebeu o apelido em homenagem ao nome pelo qual a escola é conhecida, era a princípio apenas uma forma que a professora de história Tânia Barros encontrou, no ano de 2000, para auxiliar seus alunos a refletir sobre a responsabilidade de suas ações em relações sexuais precoces, mas acabou ganhando o apoio de toda a escola e hoje já é um programa interdisciplinar que está conseguindo, pouco a pouco, diminuir o número de mães precoces naquela escola.

Dados do Sistema Único de Saúde (SUS) indicam que a cada minuto nasce no Brasil uma criança com mãe com idade entre 15 e 19 anos; a cada 17 minutos, uma menina na faixa etária dos 10 aos 14 anos tem um filho. Além disso, 48% dos abortos autorizados legalmente visam interromper a gravidez de crianças e adolescentes entre 10 e 17 anos. Responsável pela parte diversificada da grade escolar do Centro Educacional 2, Tânia utilizou esses dados para introduzir o tema da gravidez precoce quando falava sobre crescimento da população jovem em suas aulas de história.

O primeiro passo, como lembrou a professora, é deixar de lado preconceitos e tabus contra a sexualidade entre adolescentes e que acabam por ser os principais responsáveis pela gravidez precoce e o aumento da incidência de Aids e outras doenças sexualmente transmissíveis entre os adolescentes. Para dar início ao trabalho, foi mostrado então um filme sobre métodos anticoncepcionais e os alunos aprenderam, na sala de aula, até mesmo a forma correta de se colocar a camisinha.

Em um segundo momento, foi feito um trabalho de grupo, com música, quando as pessoas iam escolhendo seus parceiros, o que permitiu refletir sobre a importância de ser seletivo para evitar, por exemplo, o contágio de doenças como a Aids. Mas o que realmente fez com que os alunos aderissem de corpo e alma ao projeto foi quando Tânia deu para cada turma um ovo que deveria ser cuidado como se fosse um bebê. A cada dia, um aluno o levava para casa e não podia desgrudar dele durante as 24 horas do dia, passando para o colega no dia seguinte. Poucos ovos chegaram a se quebrar, mas muitos deles foram tão bem cuidados que ganharam



berço, enxoval e até certidão de nascimento. No final, ganhou o mais bem cuidado.

Os alunos se mostraram tão participativos que o Bebê Ciê transformou-se em Projeto Gravidez Precoce, que pretende abordar o tema em várias disciplinas, com o objetivo principal de tornar esses jovens estudantes responsáveis por suas atividades sexuais, definindo conscientemente a hora de começar sua vida sexual e tornando-se aptos a se prevenir de uma gravidez indesejada ou de uma doença sexualmente transmissível. “Não temos como trabalhar a questão da gravidez precoce se não orientarmos sexualmente esses alunos”, ressaltou a orientadora educacional da escola, Nelcy Correia Guimarães. “Engravidar é um ato muito sério e quando ocorre precocemente não é agradável para as meninas, os meninos e suas famílias”, diz ela.

O professor de Artes, Fábio da Silva, trabalha com os alunos os temas ligados à sexualidade em peças de teatro. O Grupo Noigrandes, formado por alunos e dirigido por ele, já se tornou famoso na cidade e faz apresentações em escolas, espaços culturais, teatros e outros locais públicos. O resultado desse trabalho pode ser notado com uma simples visita à escola: nossa reportagem não conseguiu encontrar nenhuma grávida pelos corredores do Centro Educacional número 2 do Cruzeiro.

Investir em saneamento é reduzir gastos com saúde

■ Carlos José Saldanha Machado

Saneamento em muitos países do mundo é um termo que se confunde com esgotamento sanitário. Contudo, no Brasil, consolidou-se uma ampla utilização do conceito de saneamento que envolve além da idéia de esgotamento sanitário – sistema de canalizações aonde vão ter as águas servidas e dejetos das casas –, a de drenagens, de tratamento de resíduos sólidos (lixo), de controle de vetores (ou de hospedeiros intermediários de agentes causadores de infecções e infestações como, por exemplo, o aedes e os caramujos transmissores de esquistossomo-se), também refere-se obviamente, à idéia de abastecimento de água dos aglomerados populacionais. Isso porque, entre nós, essa idéia de esgotamento sanitário está fortemente ligada a uma prática cultural bastante definida que é a da higiene.

Limpeza e asseio são, portanto, dois elementos importantes da definição mais abrangente de saúde pública no nosso país que estão de certo modo relacionados ao conceito de saneamento, em particular, de saneamento ambiental. Desse modo, não se pode deixar de considerar que a palavra sanear tem um significado bastante amplo, envolvendo atividades tão diversas e inter-relacionadas quanto tornar habitável ou respirável o ambiente e escoar águas pluviais, dejetos ou outros líquidos.

Na realidade, todas essas atividades têm um componente que é comum: a água. A água é uma substância utilizada não só para saciar a sede dos homens, mas também para preparar os alimentos, fazer a higiene pessoal, limpar as casas, lavar a louça e roupas, regar plantas, etc. A água é igualmente imprescindível como meio de transporte e de limpeza pública, fonte de vapor e pro-

dução de energia, ou ainda como agente de sistemas que servem para movimentar cadeias produtivas e maquinarias. Além disso, não se pode esquecer que as águas servidas precisam ser drenadas ou adequadamente tratadas para afastar doenças, proteger as nascentes, proporcionar conforto, preservar os rios, lagos e lagoas, enfim, para garantir a qualidade de vida das populações atuais e futuras.

Essa maneira de colocar o problema do saneamento e, conseqüentemente, da água deve ser encarada como um processo de discussão a ser aprofundado no Brasil. Uma política das águas envolve necessariamente uma política de saneamento, mas também uma política de meio ambiente na medida em que é, daqui para a frente, crucial e estratégico adotarmos uma perspectiva de análise globalizante.

Nunca é tarde para lembrar que investir em saneamento é investir em saúde. A Organização Mundial da Saúde tem afirmado que para cada dólar investido em saneamento básico, economiza-se 5 dólares, nos 10 anos seguintes, em médicos, em atendimento nos postos de saúde e em hospitais. Os resultados deste investimento a médio e longo prazos são aparentemente fáceis de constatar e medir: em países onde se investe adequadamente em saneamento os índices de mortalidade infantil despencaram, as doenças como a cólera e a leptospirose deixaram de existir e as verminoses que fazem com que as pessoas percam o ânimo para o trabalho já não são uma preocupação.



■ Carlos José Saldanha Machado, é Antropólogo, professor do Programa de Pós-Graduação em Engenharia Ambiental da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Contato: cjsmac@uerj.br

No Centro de Ensino Médio 404 de Santa Maria, no Distrito Federal, uma opção de lazer criada para tirar os alunos da ociosidade acabou por se tornar um elo para o trabalho da interdisciplinaridade e, com isso, aumentar o interesse dos alunos, diminuindo índices de evasão escolar e de repetência. O clube do xadrez começou em 1999 com sete alunos e hoje possui cerca de 1500 membros, entre alunos e moradores da comunidade. Seus integrantes são tricampeões dos jogos escolares do DF com mais de 18 anos e campeões na categoria até 16 anos.

A experiência, iniciada quando a escola foi inaugurada, deu tão certo, que está sendo formado também um clube de música. E já há alunos até usando a experiência adquirida nas aulas de xadrez para ingressar na faculdade, ensinando a prática do jogo em troca do valor da mensalidade. "Eles estão trocando seu trabalho por bolsas em faculdades particulares", contou o professor Leonardo Junqueira, autor da iniciativa do Clube do Xadrez.

Em 1999, o número reduzido de professores e a total falta de lazer na comunidade fizeram com que Leonardo parasse para pensar em uma forma de tirar os alunos da ociosidade, trazendo-os para dentro da escola. O xadrez foi escolhido por conviver bem com a prática pedagógica, já que é um jogo silencioso, além de ser cientificamente comprovado que aumenta o poder de concentração, o raciocínio lógico e a criatividade.

Com o apoio da diretora da escola, Joana Lima de Almeida Rodrigues, o professor Léo iniciou seu trabalho de formiguinha. "Tivemos que despertar o interesse tanto de alunos quanto de professores porque se fôssemos obrigá-los não daria certo", enfatizou Leonardo Junqueira. Como se trata de uma escola com pouquíssimos recursos, inserida em uma comunidade muito carente, até mesmo as peças e os tabuleiros foram confeccionados pelos alunos, com material reciclado. "Os alunos passaram a olhar o lixo com outros olhos", contou o professor de matemática.

Dessa forma, no Clube do Xadrez de Santa Maria, potes de Yakult viram torres, tampas de garrafas viram peões e vidros de desodorantes se transformam em cavalos, após serem pintados. Até mesmo o relógio oficial, que custa cerca de R\$140, passou a ser produzido pelos alunos, com o auxílio de professores a um custo de apenas R\$5,40, utilizando-se de relógios despertadores encontrados em lojas de R\$1,99 e interruptores de luz.



Clube do xadrez

trabalhar conteúdos como: figuras planas, secção, matriz, planos cartesianos, entre outros. "Passamos a ter os conteúdos das diversas matérias se completando, mesmo que com enfoques completamente diferentes", observou a diretora da escola. "Basta o professor pensar um pouco que ele descobre como inserir seu conteúdo no assunto", enfatizou.

O sucesso do Clube do Xadrez, que já possui até sala própria construída com recursos do De Escola para Escola – I Fórum Nacional de Experiências no Ensino Médio de 2001, foi tanto que incentivou outras iniciativas. Apaixonado por música, o professor de química, Alberto Vieira do Nascimento, já está montando grupos musicais na escola, que deverão representar os mais diversos gêneros musicais. Além de incentivar os alunos a aprenderem a tocar algum instrumento, a idéia é dar também fundamentação teórica para aqueles que já tocam de ouvido. "Estamos elaborando um projeto de interdisciplinaridade, pois a música pode ser trabalhada em todas as disciplinas", ressaltou o professor de química.

Apesar de ainda estar no início, o projeto já começou a render frutos. Os alunos que participam das aulas de música estão mais estimulados e melhoraram a auto-estima. "Pelo menos na minha matéria, até mesmo o rendimento já apresentou melhoras", contou Alberto.

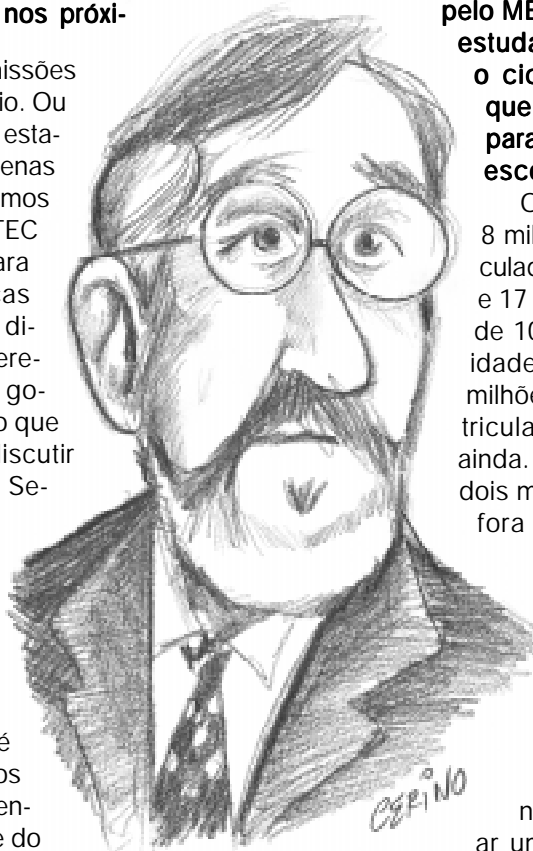
Ensino Médio obrigatório e de qualidade

O secretário de Ensino Médio e Tecnológico, Antonio Ibañez Ruiz, explica nessa entrevista especial as principais propostas do MEC para tentar resolver os graves problemas do ensino médio brasileiro. Engenheiro e professor da Universidade de Brasília, Antonio Ibañez foi Secretário de Educação do DF, durante o governo de Cristovam Buarque.

Quais são os principais projetos que a Secretaria de Ensino Médio pretende desenvolver nos próximos anos?

A primeira missão foi a de constituir comissões para se montar uma política de ensino médio. Ou seja, formular políticas, porque a secretaria estava montada de tal forma que funcionava apenas a partir de programas, e não de políticas. Vimos que era preciso dar sustentabilidade à SEMTEC para que ela pudesse formular políticas para o ensino médio e articular essas políticas com os estados. E seguindo a proposta divulgada pelo presidente Lula, nós não queremos projetos que sejam pacotes, que sai governo e entra governo são mudados. Claro que nós temos propostas, mas queremos discutir essas propostas e por isso realizamos o Seminário de Ensino Médio.

Mas algumas propostas já estão prontas, como a obrigatoriedade do ensino médio. Isso já estava na Constituição, foi retirado na emenda constitucional do último governo, porém na LDB é resgatada. Então o que nós queremos como uma forma de estancar a defasagem série/idade é tornar obrigatório o ensino médio. E já vimos que para 2004 é possível fazer isso, absorvendo os alunos que se formam na oitava série do ensino fundamental. Então o aluno que se formar agora na oitava série vai ter, obrigatoriamente, vaga no primeiro ano do ensino médio.



Recente pesquisa divulgada pelo MEC mostra que o número de estudantes que não completam o ciclo médio é muito alto. O que pode ser feito de imediato para reduzir o nível de evasão escolar?

O censo mostrou que existem 8 milhões e 700 mil alunos matriculados na escola pública entre 15 e 17 anos, dentro de um universo de 10,5 milhões de jovens nessa idade, sendo que daqueles 8,7 milhões, quase a metade está matriculada no ensino fundamental ainda. Ou seja, além desses quase dois milhões que jovens que estão fora do ensino médio, existem quase 4 milhões que estão defasados.

Outro ponto é a melhoria da qualidade e para isso precisamos dar melhores condições de trabalho para os professores, investir mais na qualificação continuada desses profissionais, criar uma política do livro didático para o ensino médio, que não existe, além de toda uma infra-estrutura para acomodar esses jovens que virão do ensino fundamental.

Fala-se em criar um quarto ano para o ensino médio. Em que consiste a proposta e quando deve começar a funcionar?

Seria um quarto ano vocacional para aqueles que vão entrar no ensino médio a partir do próximo ano. E por que isso? Porque as diretrizes do ensino médio falam em 3.200 horas mínimas e que acabam ficando como máximo. E 3.200 horas não são suficientes para você formar o cidadão, muito menos para o cidadão que quer estar apto para o trabalho ou para a universidade. Não podemos ter escolas que preparem só para a universidade, ou escolas que preparem só para a cidadania, temos que garantir as duas coisas. E garantir esse conteúdo mínimo para todos não é suficiente, pois o mínimo se torna o máximo. Para um aluno de ensino médio ingressar na universidade, é preciso ter mais horas de estudo. E isso não significa que seja uma revisão de tudo que já estudou nos outros três anos, não. Queremos mais carga horária e novos conhecimentos. Com esse quarto o aluno vai poder conhecer melhor quais são as alternativas para o ensino profissionalizante. E essas disciplinas serão oferecidas nas próprias escolas e nos próprios centros que trabalham com educação profissional.

A idéia então é preparar melhor o aluno. Muitos críticos dizem que se ensino médio já está ruim, por que queremos criar um quarto ano? Mas o quarto ano não é para melhorar a qualidade do ensino médio, mas para preparar melhor o jovem. A melhoria da qualidade do ensino médio vai se dar de outras formas, com melhores livros didáticos, melhores condições de trabalho e qualificação para os professores.

E como vai funcionar esse quarto ano, será opcional ou obrigatório?

O aluno poderá fazer a opção. Mas as escolas serão obrigadas a oferecer alguma opção para esse quarto ano, ou preparando melhor os alunos para o vestibular, ou criando disciplinas de formação profissional.

Qual a opinião do senhor sobre o ENEM, ele será mantido ou sofrerá mudanças?

Eu acho importante ter um exame obrigatório para saber se o aluno está preparado. Hoje o ENEM é optativo e direcionado para o ingresso na universidade. Esse assunto é tema de discussão no seminário, mas pessoalmente eu defendo um exame obrigatório, porque então você pegaria

“
Não podemos ter
escolas que preparem
só para a universidade,
ou escolas que
preparem só para a
cidadania, temos que
garantir as duas opções
”

todas as escolas públicas e privadas e obrigaria todos os alunos a fazerem o exame e ver qual o grau de conhecimento dos estudantes que estão terminando o ensino médio. Algumas pessoas lembram que já existe o SAEB, mas o SAEB faz aleatoriamente, não abrange todas as escolas. Então o exame mostraria de maneira geral essa situação. Mas só esse exame não resolve. Seria importante que o próprio aluno tivesse conhecimento de como ele está quando entra no ensino médio. Então você teria um exame obrigatório para todos, antes de entrar no ensino médio e depois que terminasse. Seria importante para o próprio aluno, a partir de uma referência nacional, avaliar seu nível de conhecimento.

Qual o projeto da SEMTEC para as escolas técnicas?

O que se pretende é ter uma proposta para a educação profissional como um todo. Da mesma forma que todo mundo sabe que para ir para a universidade você tem que passar pelo o ensino básico, fazer o ensino médio e depois o vestibular, em seguida escolher a carreira, ou seja, todo mundo sabe o que você tem que fazer. Na educação profissional você não sabe. Você não sabe a partir de quantos anos você pode começar, se em seguida você pode fazer curso superior; não se sabe exatamente qual a diferença entre um tecnólogo e um engenheiro, isso não está claro para ninguém. O decreto que regula a educação profissional é muito pobre para regular algo tão rico e com tanto potencial. Num país onde você pensa em implantar um novo modelo de desenvolvimento baseado na produção, você vai precisar de técnicos, tanto de nível médio quanto de nível superior. Então, para dar conhecimento a todo mundo e saber o que cada um pode fazer, é fundamental fazer uma lei de educação profissional. Essa lei é que regulamentaria o assunto. E para os CEFETs e as escolas agrotécnicas, é importante que elas saibam o potencial que elas têm para o desenvolvimento local e regional, aglutinando prefeituras, associações comerciais, associações de produtores.

Estamos tentando articular em nível nacional um conselho que permita juntar os órgãos governamentais que trabalham com formação profissional, o sistema S (SENAI, SESI e SENAC), as centrais sindicais e a sociedade civil. Procurar juntar esses segmentos para poder articular uma política nacional de educação profissional, para que cada um atue dentro do seu segmento, mas segundo uma política nacional. Hoje cada faz um tipo de forma

ção e você não tem controle do que acontece. Isso é importante porque esses segmentos poderiam ser sujeitos da grande transformação que o Brasil precisa e incluir 70 milhões de pessoas que estão fora da educação porque não têm um certificado de ensino médio.

Como fazer essa inclusão?

É impossível trazer todas essas pessoas para uma escola à noite, se já trabalham o dia inteiro, ou mesmo se desempregadas, estão fazendo alguma atividade informal durante o dia. Levá-las para uma escola para ficar três horas assistindo um curso, em geral sem as mesmas condições do curso diurno, não tem sentido. Então você tem que procurar, de acordo com as diretrizes da educação de jovens e adultos, um modelo pedagógico adequado, para que essas pessoas sejam incentivadas a frequentar a escola, poder ter um certificado de ensino médio e que ao mesmo tempo dê uma qualificação profissional. Existem muito métodos que estão sendo aplicados no Brasil inteiro. O que a gente quer é compilar esses métodos de sucesso e para isso vamos lançar um edital agora em julho para conhecer esses trabalhos. Sabemos que têm Ongs, a Fundação Roberto Marinho, a CUT, enfim, diversas entidades que utilizam métodos que deram certo. Queremos conhecer todos esses métodos e verificar quais são os mais apropriados e incentivá-los.

A proposta é que em vinte anos, no máximo, todo brasileiro tenha o certificado de ensino médio, ou seja, universalizar a educação básica.

De que forma o Governo Federal e os governos estaduais podem atuar juntos para transformar as escolas em espaços de educação para a família, discutindo temas como violência e saúde?

Vamos começar um projeto, para alguns estados que optarem, que é o Assunto de Família. A idéia é levar os pais para dentro das escola para discutir temas fundamentais para a segurança, não no sentido físico, mas segurança ética e moral do estudante. E para que isso aconteça, os pais também têm que estar seguros de como discutir determinados temas, sobre os quais às vezes ele não têm conhecimento. A partir do segundo semestre esse projeto estará sendo levado para diversos estados e o objetivo é esse: que os pais estejam nas escolas, discutindo com especialistas diversos temas que são importantes para o desenvolvimento integral do jovem.

Qual a proposta da SEMTEC para o processo de aperfeiçoamento profissional dos professores do Ensino Médio?

No caso do ensino médio são dois problemas que existem: um é a falta de professores, que em algumas áreas é gravíssima. Então o primeiro desafio é formar professores. E o segundo é qualificar os professores que já existem. Mas além da qualificação, o grande problema é a motivação também. Quer dizer, a valorização do professor. Quando um professor pensa que ele ingressa num sistema estadual de educação, e ele imagina que vai ficar trinta anos, dando trinta horas semanais de aula para mais de 40 alunos, entre 15 e 17 anos, eu acho que ele desiste. E ainda pensando no salário que vai ganhar. Mesmo que dobre o salário dele em trinta anos, ele desiste. Então o importante é criar motivação. Por isso estamos criando a Coordenação de Aperfeiçoamento dos Professores de Ensino Médio e Profissional. Será uma comissão que vai incentivar que o professor trabalhe em pesquisa com a sala de aula para obter melhor desempenho dos alunos. Ou seja, que metodologias ele pode usar, que trabalhos os alunos podem desenvolver para obter melhor desempenho. Se isso for realmente interpretado como um trabalho de pesquisa, por essa coordenação, ele poderá ganhar uma bolsa de pesquisa e teremos uma linha de publicações para que ele possa publicar essas pesquisas e participar de congressos. Essa coordenação seria para analisar os projetos de pesquisa e conceder as bolsas. E para isso vamos lançar um edital no início do segundo semestre, para recolher essas pesquisas que já existem tentar obter, já para o próximo ano, um financiamento para essas bolsas.

“
A idéia é levar os pais para dentro das escolas para discutir temas fundamentais para a segurança, não no sentido físico, mas segurança ética e moral do estudante
”

Um dos projetos mais importantes anunciados pelo MEC é o que pretende erradicar o analfabetismo do país. De que forma as escolas de Ensino Médio podem participar desse processo?

As escolas de ensino médio podem participar desse processo preparando melhor seus alunos. Porque se hoje nós temos 20 milhões de analfabetos absolutos, existem outros milhões de analfabetos funcionais, que são consequência da falta de preparação desses alunos. Então se a escola preparar bem o aluno de ensino médio já vai estar fazendo a sua parte.

Congresso Científico Internacional

O Museu da Vida e a FIOCRUZ estão convidando profissionais dedicados à educação científica para o IV Science Centre World Congress que se realizará no Rio de Janeiro entre 10 e 15 de abril de 2005.

O IV Congresso debaterá temas como a divulgação e popularização da ciência por meio de museus e centros científicos entre o grande público, sem perder os padrões de qualidade e a contribuição desses para a equidade e inclusão social e promover o debate de como garantir o acesso da população à saúde, educação e lazer, encontrando caminhos de desenvolvimento para o total exercício da cidadania.

MEC envia missão ao Timor

Atendendo ao pedido do presidente Xanana Gusmão, do Timor Leste, o Ministério da Educação enviou, nos primeiros dias de abril, a Missão de Cooperação Internacional em parceria com o Ministério de Relações Exteriores.

Esta missão tem como objetivo colaborar na elaboração de sugestões de proposta de uma legislação educacional para o país, diretrizes para educação básica e política de formação de professores.

A equipe é composta de seis especialistas em educação com comprovada experiência na implantação e implementação da educação brasileira. A coordenação da equipe está a cargo da professora Leila Portella, e é composta pelas professoras Marília Gonçalves Borges Silveira, Madeleine Castiglio, Maria Aliete Bormann, Sandra Maciel Barreto e o professor Ivanildo Quirino do Nascimento.



A Ciência na Escola

Pesquisadores, professores e especialistas encontraram-se, no MEC, em abril para inserir a escola de ensino médio na sociedade do conhecimento, atendendo o convite da Secretaria de Educação Média e Tecnológica do Ministério da Educação para participar da I Reunião sobre Educação para a Ciência.

O encontro debateu propostas que possam contribuir com a implementação da política de educação para o ensino da área de ciência da Natureza e Matemática, discutindo os temas de currículo e ensino, formação de professores, divulgação e popularização científica.

Participaram da reunião representantes do CNPq, FIOCRUZ, Universidade Federal do Espírito Santo, CAPES, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Museu da Vida, Academia Brasileira de Ciências e Colégio Pedro II.

O professor Ênio Candotti, representante do Núcleo de Processamento de Dados da Universidade Federal do Espírito Santo, propôs durante o encontro a criação de um órgão nos moldes da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior para contribuir com a solução de problemas do ensino médio como: falta de investimento em programas dirigidos à educação científica e avaliação, descontinuidade dos que já existem e a formação dos professores entre outros.

Tanto a professora Nisia Trindade Lima, diretora da Casa Oswaldo Cruz, como Cristina Araripe, pesquisadora da FIOCRUZ consideraram a iniciativa importante, porque demonstra que há uma convergência em relação a importância da educação para a ciência.

“Já participei de muitas reuniões sobre o tema, mas esta tem grande relevância porque é uma iniciativa da SEMTEC que é muito mais pertinente”, declarou o professor Marco Antonio Moreira, consultor da CAPES.

Educação em pauta

A Editora Moderna lançou uma coleção dirigida a professores, alunos de cursos de formação de professores de Pedagogia, Psicologia e de licenciaturas em geral, que pretende motivar o debate nas escolas sobre métodos de ensino e aprendizagem, além de trazer para a pauta de discussões os chamados temas transversais. O material é dividido em três grandes assuntos: Temas Transversais, Escola e Democracia e Teorias e Tendências.

Sobre o primeiro tema, o título de estréia é Resolução de conflitos e aprendizagem emocional, de Genoveva Sastre e Montserrat Moreno. O livro lembra que as condutas violentas vêm aumentando de forma alarmante entre os jovens, e que a "educação emocional" é uma disciplina pouco difundida nas escolas. Segundo os autores, "não tratar de emoções e de resolução de conflitos no Ensino Fundamental significa manter os alunos e as alunas em um analfabetismo emocional que lhes dificultará a superação dos conflitos que lhes serão apresentados em todas as idades".

Sastre e Moreno lembram que uma formação para a vida não pode aceitar intervenções ocasionais quando um conflito já se transformou em violência. "Esse processo requer um processo contínuo de aprendizagem desde os primeiros anos de escolaridade", afirmam os autores.

O tema da participação democrática no processo de ensino é abordado no livro de Ulisses Araújo: A construção de escolas democráticas – histórias sobre complexidade, mudanças e resistências. O autor defende a idéia de que a educação para cidadania pressupõe a formação e a instrução das pessoas para a participação motivada e competente nas esferas pública e política da sociedade.

Psicologia

Os estudos científicos na área educacional sempre tiveram na psicologia uma área de conhecimento importante como disciplina de apoio. A proposta do livro Psicologia, educação e as temáticas da vida contemporânea, é aglutinar as diferentes correntes de pensamento da psicologia, bem como uma variedade de temas relevantes, contemplando tanto os estudos clássicos quanto os atuais. As organizadoras do livro – Marta Khol de Oliveira, Teresa Cristina Rego e Denise Souza – lembram que, apesar de algumas limitações de ordem metodológica, os estudos psicológicos podem servir como um importante instrumento para a compreensão das características psicológicas e socioculturais do aluno e do professor.

O quarto e último título abordado nesta resenha trata do dia-a-dia do trabalho dos professores. Em Diálogo com educadores – o cotidiano escolar interrogado, o autor Júlio Groppa escolhe assuntos que fazem parte da realidade diária das escolas, tais como violência, indisciplina, transformações da juventude, relação família-escola, entre outras, para incitar uma discussão franca com o leitor-professor. O propósito, segundo Aquino, é dialogar com os profissionais da educação brasileira acerca das inquietações que habitam o cotidiano. E por assumir o tom de diálogo, o livro abre mão das citações e referências a outros autores. Desta forma, os textos aparecem como se fossem uma conversa informal com os leitores.

Serviço: Coleção Educação em Pauta, Editora Moderna. Oito títulos divididos em três séries: Temas transversais, Escola e Democracia e Teorias e Tendências. Contatos: Editora Moderna – imprensa@moderna.com.br, tel (11) 6090-1479.

Educadores brasileiros

Como o próprio título sugere, o **Dicionário de Educadores no Brasil – da colônia aos dias atuais** é um trabalho de pesquisa exaustivo sobre o perfil dos homens e mulheres que, da colônia às últimas décadas do século XX, determinaram o pensamento da educação no Brasil. Organizado por Maria de Lourdes de Albuquerque Fávero e Jader de Medeiros Britto, a publicação foi editada pela Editora UFRJ com a parceria do MEC/INEP – COMPED.

Para recolher todo este tempo e espaço da educação no Brasil, delimitando políticas públicas, idéias e formação da história da educação através dos 144 verbetes, colaboraram vários pesquisadores e estudiosos, especializados no pensamento e na ação dos educadores levantados.

O critério usado no livro para a seleção dos nomes a serem pesquisados foi o critério de serem incluídos apenas os educadores já falecidos, considerando-se que a obra por eles realizada se concluiu com o termo de sua existência.

O dicionário está organizado com os nomes dos educadores em ordem alfabética e compreende três itens: dados sobre a história pessoal – nome completo, data e local de nascimento e falecimento; dados relativos à vida profissional – experiência de magistério, funções exercidas na administração educacional, produção acadêmico-científica na área, abrangendo estudos, pesquisa, livros, capítulos de livros, artigos, pareceres, relatórios - análise da contribuição do educador ao desenvolvimento da educação no país.

Além disso, os estudiosos e interessados no assunto contam ainda com uma lista de abreviações mais utilizadas, no início do volume, e uma referência bibliográfica no final de cada verbete para o aprofundamento do tema.

